

Bluménau

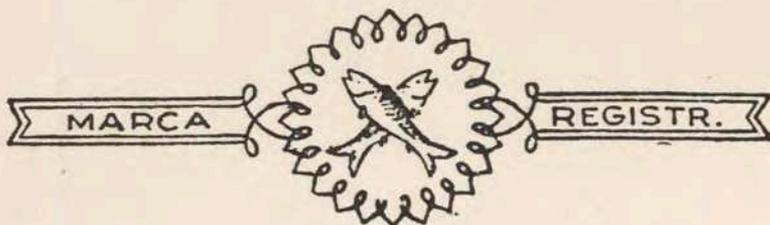
em Cadernos

Tom o VIII

N.º 8

INDÚSTRIA TÊXTIL
Companhia Hering

BLUMENAU — Estado de Sta. Catarina — Brasil
Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal N° 2
Telegr.: «TRICOT»



FÁBRICA DE

Artefatos de Malha

Fundada em 1880

Contribuindo Para A

Grandeza Do Brasil

Em Seu Comércio

E Indústria

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VIII ★ — ABRIL 1967 — ★ Nº. 8

O problema religioso na Colônia Blumenau

Carlos Ficker

Na modesta contribuição ao estudo da religião na formação da Colônia Blumenau, não queremos ir além de uma simples referência a documentos históricos em torno de assuntos que envolviam a vida da povoação, antes da criação da paróquia, em 1873.

Moveu-nos o desejo de mostrar o pitoresco da linguagem do Dr. Blumenau e a ingenuidade das suas expressões, conservando-a em tudo na sua forma original.

Primeiras referências sobre a vinda de um Pastor Protestante à Colônia Blumenau, em 1857, encontramos num folheto distribuído no Vale do Itajaí, entre os católicos ali residentes e assinado simplesmente com «F. de tal»:

“PUBLICAÇÃO. — Publica-se já segunda vez á todos os meus estimados Freguezes, que a cima de Rio Itajahy chegou hum pregador dos Alemães protestantes, que com hum atrevimento funestissimo está baptizando e casando entre minha Freguezia; mas eu declaro, que todos estes baptizados e casamentos são total illegitimos e invalidos por falsa de pessoa competente com que aquele homem não he sacerdote, nem pode ter alguma faculdade legitima para administrar os Santissimos Sacramentos da N. S. Igreja Catholica Romana! Este pregador chama-se Padre!!! mas não he Padre — he um nome falso, com que hum homem total profano com todas as suas cerimoniaes erradas!!! Porem Pai hé!!! com que tem huma mulher e filho! — Chama-se tambem Pastor!!! mas tam pouco he pastor de grega-Cristão dos gansos, das vacas, cabrinhas e raposos pode ser pastor!!! não nego — seja como quizer: — he bem para admirar que tambem os generosos Brasileiros assistem em taes cerimoniaes falsas, fantasticas e prohibidas!!! Pois tambem os Brasileiros que vem ser perfidos á Fé e Religião de Jezus Cristo. Não temos vergonha para assistir num culto humano aos hereges? negando tal maneira sua Santa Religião??! — F. de tal.”

No seu Relatório sôbre o ano de 1862, o Dr. Blumenau relata sob item «Culto Catholico» a seguinte observação:

“O culto catholico ainda não é regularmente exercido na colonia por falta de uma capella, com quanto que o Vigario da vizinha Freguezia de São Pedro Apostolo (Gaspar) que foi fundada de uma parte de terriorio desta colonia, as vezes tinha vizitado a povoação e administrado os Sacramentos. Sendo o dito Vigario de nação Allemã e não distando a *Capella de São Pedro Apostolo* da povoação se não 1 1/2 legoas, a população catholica desta colonia — 283 almas — não está inteiramente abandonada a respeito da parte espiritual e pelo ments provisoriamente as suas urgentes necessidades são suppridas. Comtudo será preciso providenciar sobre a construcção de uma Capella na propria povoação e Centro da Colonia, que logo sirva de Matriz e conceder para este fim uma adequada quantia. Mais urgente ainda se torna comtudo a construcção de um templo ou casa de oração para 1775 evangelicos que existem, e desde 6 annos, quando seu numero foi de 400 a 500, achão seu culto n’um miseravel quarto de uma das Casas de hospedagem que já não offerece espaço nem para a ter a parte dos assistentes.

Bem que os habitantes hão de contribuir com suas esmelas para construir uma tal casa de culto, não lhes é possivel faze-lo inteiramente com seus minguados recursos.”

Pastorava os católicos de Blumenau e Gaspar, o Padre Albert Franz Gattone, nascido na Alemanha em 1834, ordenou-se em 1858 em Hannover e veio ao Brasil em 2 de Novembro de 1860 a bordo do veleiro «Louise Friederike»; Da Colônia Dona Francisca, onde entrou como imigrante N.º 4187, donde foi enviado para a nova Freguezia São Pedro Apostolo de Gaspar, no Itajaí-Açu, criado em 25-4-1861. Sôbre a história da criação desta Freguezia, o próprio Dr. Blumenau escreve o seguinte (Doc. 6-4-63):

“Por escritura particular de 2 de Abril de 1857 fiz doação como proprietario de hum terreno sito entre os ribeirões do Gaspar grande e pequeno, ao povo catholico d’aquella parte, representada pela commissão eleita da Capella erigida na vizinhança, de hum chão sufficientemente grande para huma igreja; de hum dito para casa de morada do respectivo padre junto com hum sufficiente terreno para horta e pomar do mesmo; de hum terreno espaçoso para cimeterios publicos (Sic.) promettendo ainda verbalmente tres a quatro mil braças quadradas de terreno para a futura escola e praça publica em frente da egreja e na margem do Rio Itajahy. — O respectivo documento foi entregado á Frederico Schramm como presidente da commissão administrativa da referida Capella.”

Em 1860, quando o Dr. Blumenau passou a sua colônia ao Governo Imperial mediante contrato assinado no Rio de Janeiro, a 13 de janeiro (pelo Gov. Imp. assinou o Cons. de Estado Manoel Felizardo de Souza e Mello) a doação dos terrenos foi confirmada novamente conforme o aviso do então Presidente da Província de Sta. Catharina, Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque:

“Palacio do Governo de Santa Catharina, 28 de Novembro de 1860.—

Em vista da sua informação em officio de 24 d'Outubro findo sobre o requerimento junto dos colonos e moradores nas immedições do Rio Belchior e Gaspar, mande V. Mce. demarcar em tempo opportuno o terreno sobre que versa a petição dos supplicantes, o qual deverá ficar destinado para huma futura povoação e porto na margem do rio Itajahy grande. Deus Guarde e V. Mce."

Continua o Dr. Blumenau na sua história da criação da Freguesia:

"Tendo sido creada a freguezia de São Pedro Apostolo, fui incumbido, por aviso da Presidencia de 14 d'Agosto de 1861, para proceder junto com o Director da Colonia Brusque (Schneeberg) e o Rev. P. Gattone á verificação dos limites d'Oeste da mesma freguezia, e designar com as ditas pessoas os lugares da Matriz e do Cimiterio (Sic!). Não se podendo apresentar para esta commissão o referido Director, os outros dous membros designarão preliminarmente no mez de Novembro de 1861 e definitivamente nos primeiros mezes do anno pp (1862) os lugares da Matriz e do Cimiterio, que logo pelo agrimensor d'esta colonia forão regularmente medidos, abrindo-se nesta occasião tambem a picada fronteira de Este do terreno em questão de 500 braças e nivelando-se o chão da futura Matriz, para estabelecer o conveniente plano. Nisto os trabalhos pararão que me faltava a autorisação para as indispensaveis despezas. —"

São Pedro Apostolo do rio Itajaí grande no Gaspar, em 1861, além da capela, já apresentava regular quantidade de casas de moradia e de comércio. Frequentavam 24 alunos dos moradores da freguesia a escola de primeiras letras dirigida pelo Sr. Manoel Melchior de Carvalho, conforme petição de 6 de dezembro do mesmo ano (D. 6-12-61) do Padre Alberto Francisco Gattone dirigida ao Presidente da Província e rubricada por êste: "Informe o Snr. Director da Colonia Blumenau".

O Dr. Blumenau, com o seu espirito de tolerância em matéria religiosa, tudo fazia para que não só os protestantes tivessem o seu pastor e sua casa de oração. Com a instalação do Padre Gattone, na Freguesia São Pedro Apostolo, em principios de 1861, encontrou êle uma resolução provisória para o problema que não faltasse a necessária assistência às famílias católicas, a fim de conservar a colônia num ambiente de sadia ordem moral.

Conforme officio de 22 de novembro de 1861 do Presidente da Província, o então diretor interino da Colônia Blumenau, Hermann Wendenburg, respondeu em 15 de janeiro de 1862 (D. 15-1-62) que esperava a visita do Padre Gattone para inspecionar os trabalhos em andamento com a nivelção do local já escolhido para a futura igreja católica e cemitério «dos catholicos» na colônia. (Voltou o Dr. Blumenau de uma viagem ao Rio de Janeiro, em 1º de fevereiro de 1862, onde tratou assuntos em relação à sua Colônia na Côte. Embarcou êle em principios de dezembro de 1861.)

O pastor Oswald Hesse e o Padre Gattone foram os dois primeiros religiosos com que contaram os colonos de Blumenau.

Surgiram os primeiros incidentes logo em seguida. Em 16 de fevereiro o Padre Gattone dirigiu "huma carta em termos menos convenientes" ao diretor da Colônia, queixando-se que não fora afixado um edital com referência ao cemitério da povoação. Em officio dirigido ao Sr. Presidente da Província, de 16 de março de 1862, o Dr. Blumenau considera o assunto de

“summa insignificancia e que só quem tem pouco que fazer e abundante vagar, d'elle podia fazer caso”. E continua no seu officio:

“ . . . não esqueçêmos das ordens de V. Excia. e das conveniencias do serviço, ou ainda das regras da boa educação para com o Sr. Gattone”

“Já faz mais de cinco annos, sendo ainda reprehendedor particular, eu designei para as necessidades do culto catholico, tanto n'esta povoação como na localidade de Gaspar, em que hoje se estabelece a nova freguezia, hum lugar para igreja hum dito para cimiterio e hum pequeno lote de terra para chão de caza do padre. — Na mesma maneira como fiz para o culto evangelico. Entendendo que as localidades em questão não são mal escolhidas, satisfazendo, além dos mais requisitos, ás exigências da hygiene publica, os lugares d'igreja as de hum bello aspecto e de agradável perspectiva, e achando-se os lotes dos padres ao pé de ambos. Descanso na certeza, de que, se V. Excia. honrar esta colonia de huma visita ha de approvar a minha escolha. Não foi possivel achar outras melhores localidades.

“Não se fizeram, porém trabalhos para o apromptamento do cimiterio catholico n'esta povoação, porque não existia consignaçoão para tal fim, nem urgente necessidade. Arrendei o respectivo areal por 2 ou 3 annos com as condições de que fique derrubado o matto e plantado e cultivado a terra. Assim se economizava a despeza de derrubar e, apodrecendo-se a maior parte dos cepos e raizes, a sua extracção se tornava tambem muito mais barata.

“Sendo ainda hoje o numero dos catholicos em esta colonia muito diminuto, elles enterrarão os seus defuntos no cimiterio dos evangelicos, sem que estes ou aquelles fizessem a minima objecção ou pedissem separação segundo as crenças. Sollicitando me logo o Snr. Padre Gattone hum espaço separado, tambem á este pedido se prestarão o pastor evangelico, esperando logo pela chegada do padre Gattone. Este porém até agora não appareceo, mas fez á V. Excia. a requisição acima citada. V. Excia. vê pois, que da parte de mim ou dos evangelicos não havia falta de attenção com os nossos irmãos catholicos, nem para com o Snr. Gattone.

“O Snr. Gattone porém, em vez de cumprir com a sua visita, repetidamente promettida ao convite do Snr. Wenderburg, escrito em termos obsequiosos e polidos, animoseou á este, dando precipitadamente, como infelizmente já por differentes vezes fez, credito á alheios palavraros e mexericos, com huma carta, como hum homem de educação a não deve escrever, e da ameaça, de querer denunciar o seu proceder á V. Excia.

“O edital em questão se acha agora affixado, desde humas tres semanas, mas sem effeito algum, como se podia prever. Com hum simples edital, não he feita causa alguma e em lugar da sua penna o Snr. Gattone devia ter movido as pernas, para visitar os respectivos colonos. Convidei pois ao Snr. Gattone para este fim, sem que comtudo receber uma resposta.” (D. 16 - 3 - 62)

As primeiras dificuldades surgidas, porém, foram acertadas com a visita do Rev. Padre Gattone e, em officio de 6 de abril o Dr. Blumenau respondeu ao Presidente da Província . . . “de maneira alguma não me tenho esquecido da conveniencia, que V. Excia. me lembra, que haja intelligencia e mutua coadjuvação entre o Parocho e o Diretor da Colonia. O Snr. Gattone ultimamente me visitou e se convenceo pessoalmente que o edital em questão não se affixou por má vontade e sim por causa de equivoco no trecho que continha.” (D. 6 - 4 - 62)

Mas não ficaram ní os contratempos do Dr. Blumenau . . .

Surgiu outra rixa em princípios de 1863. Tomou posse, a 26 de dezembro de 1862, o nôvo Presidente da Província, Dr. Pedro Leitão da Cunha, substituindo o Padre Vicente Pires da Motta. E o Padre Gattone não tardou em dirigir outra queixa contra o Dr. Blumenau ao nôvo Presidente. Em officio de 11 de fevereiro de 1863, acompanhado de uma carta particular, o Dr. Blumenau respondeu indignado, em concentrado desespêro:

"Si tomo a liberdade, dirigir-me particularmente á V. Excia. só hum solemne momento e assumpto de transcendente gravidade me podem animar para tanta ousadia e me servir de desculpa.

"Hum tal momento se dá actualmemente e o assumpto de que se trata, he a questão, si será licito aos Pastores evangelicos, benzer casamentos mixtos entre catholicos e evangelicos, que o competente Parocho declinou por causa de preceitos da Curia Romana.

"O Vigario de São Pedro Apostolo, Padre Gattone, deo huma denuncia á este respeito contra o Pastor Hesse d'esta Colonia, reclamando procedimento contra elle; V. Excia. me exigio informações sobre o facto, e julguei do meu dever como membro da igreja evangelica, como cidadão brasileiro, entusiasticamente dedicado á sua nova patria, á quem durante mais de tres lustros consagrou todas as suas forças, e emfim como temporario empregado do Governo Imperial, que tem o dever de, segundo suas fracas forças, velar sobre os interesses d'Elle e defendel-os contra o detrimento — juntar algumas observações como já havia a honra, de fazel-as vocalmente e por escripto ao Exmo. Snr. Conselheiro Motta.

"Não obstante ousou respeituosamente implorar e até conjurar á V. Excia., queira dignar-se, de examinar, antes de proferir sentença sobre a questão, si o Pastor Hesse merece reprehensão e punição ou não. A questão, de mera disciplina ecclesiastica, para o Padre Gattone, he de principio de vida e morte, para a futura e presente colonização brasileira allemã e por ser profundamente penetrado de imminente perigo, que ameaça as colonias e sobretudo esta, á que sacrifiquei tudo, que me foi raro n'este mundo, entrego-me á esperança, de que V. Excia benignamente haja de perdoar tanto a extensão das minhas exposições, como as francas e acaso exaltadas expressões d'esta carta.

"Digne-se V. Excia. de receber os protestos de meu profundo acatamento e da mais alta consideração com que tenho a honra de ser,

De Va. Excia

o muito obed. criado e reverent. vend.

Dr. H. Blumenau."

E, seguiu junto, o seguinte officio:

"Tendo a honra de prestar informações relativas a designação dos lugares da Matriz e cemiterio da Freguezia de São Pedro Apostolo, que V. Excia. me exige em officio de 13 de Janeiro, he com toda a indignação de hum homem recto, que repillo a indirecta e insidiosa accusação que sobre aquelle assumpto me lança o Vigario da dita freguezia no seu officio de 2 de Janeiro. O Padre Gattone em cada hum novo Exmo. Snr. Presidente procura suscitar desfavoraveis apprehensões contra mim e contra o Pastor Hesse e desconceituar-nos á todos quantos não estão dispostos, á reconhecer no clero o primeiro poder do Estado e á curvar-se diante d'elle e suas ultramon-

tanias e jesuíticas pretensões. Com a chegada do Padre Gattone, Exmo. Snr. acabáráo n'este rio a paz e verdadeiramente christã harmonia, que até então havião reinado entre catholicos e evangelicos, ficando substituidas pela enxada, a desconfiança e discordia até no seio das familias!

"Quanto tenho razão, para me indignar sobre a falta de lealdade e verdade do Padre Gattone na sua queixa em questão, V. Excia o verá da seguinte EXPOSIÇÃO:

"Por aviso da Presidencia de 14-8-1861 forão incumbidos os Directores das Colonias Blumenau e Brusque e o Padre Gattone, para proceder á verificação dos limites de Oeste da nova freguezia e designar os lugares da Matriz e Cimiterio. Não recebi resposta do Barão de Schneeberg, porque aquelle Director tinha cahido em grave enfermidade. A's instancias de Padre Gattone fui logo ao areal da nova freguezia e designamos já em Novembro de 1861 o lugar da Matriz e do Cimiterio, não chegando porém á um accordo sobre os limites occidentais e disputando sobre ellas, ouvi então com espanto e indignação, que o mesmo Padre, não me fazendo communição alguma, nem conferindo commigo ou com o Director da Colonia Brusque, já havia officiado á Presidencia e pedido o alargamento dos limites occidentaes até ao centro da povoação d'esta colonia, confiada aos meus cuidados!

"Sendo o lugar designado para a Matriz, o mais improprio possível no cume de hum alto morro, em que a construcção da igreja havia de se tornar muito dispendiosa e o accesso difficillimo para os velhos e fracos, mas obstinando-se n'elle o Padre Gattone, cedi, sobretudo, na certeza de que até aquella construcção ainda havia de decorrer tempo e no entretanto vencer-se a obstinação do dito padre.

"A ordem da Presidencia foi assim cumprida e eu lhe officiei sobre a questão em 16-11-1861. Nos primeiros mezes de 1862 mandei o agrimensor da colonia, para levantar a planta exacta d'aquella parte do rio Itajahy e do ribeirão do Gaspar, que confrontão o areal da tutura povoação. Em seguida, fui em pessoa, como 5 mezes antes, para examinar de novo o terreno e determinar ruas, praças, etc. O Padre Gattone me acompanhava d'esta excursão, e depois de prolongadas discussões consegui convence-lo, de que o lugar da Matriz era improprio e preferivel o que eu antes havia proposto, concordando elle á final, tambem no do cimiterio.

"Estes lugares logo pelo agrimensor forão exactamente determinadas, inseridos no mappa e marcados no proprio terreno por marcos, sendo o proprio Padre Gattone por diferentes vezes presente, quando o agrimensor executou estes trabalhos. Finalmente mandei ainda abrir uma picada de Este para discriminar o areal da nova freguezia, nivelando por fim o lugar para a igreja.

"Como he pois, que o Padre Gattone pôde reclamar pela execução de huma ordem, de que bem sabe que ha tempo foi cumprida???

"A intenção d'este Padre foi e he porém, ingerir-se na distribuição das sorte (lotes) e na colonisação, como se pode deduzir de hum folheto publicado na Allemanha, que já ha tempo foi forjado o plano, que ali fossem excluidos todos os evangelicos.

"Tenho ainda á mencionar sobre este assumpto, que, para se poderem vender sortes de terras na localidade em questão, erão indispensaveis medições e trabalhos de abrir ruas etc. para os quaes não fui autorizado, e que a respectiva despeza importa em Rs: 400\$000. E como me interessava

pelos mesmos trabalhos, sollicitei no mez de junho (1862) ao Exmo. Snr. Con-
selheiro Motta a necessaria autorisação e a indicada quantia. S. Excia. po-
rém não julgou conveniente concedel-as, respondendo que parecia ter sido
hum erro a creação da nova freguezia e não convinha gastar com ella ainda
dinheiro.

"Na minha volta em julho participei ao Padre Gattone que á
vista da decisão de S. Excia. e por me serem recusados os indispensaveis
fundos, eu não podia prosseguir nos trabalhos encetados.

"Finalmente devo rogar permissão para apresentar á V. Excia. o
pedido tão respeitoso, quão intante, V. Excia. queira, si fôr possivel dispen-
sar-me de trabalhar em qualquer assumpto em companhia com o Padre Gat-
tone, visto que elle não tem ideia alguma da pratica da vida e dos negocios
e sua assistencia como sua presumpção e obstinação mais servem para em-
brulhar os trabalhos, do que adiantal-os.

Deos Guarde á V. Excia.

O Diretor Dr. H. Blumenau."

Sôbre as divergências entre o Padre Alberto Gattone e o Dr.
Blumenau em relação á localização da futura Matriz na Freguesia de São
Pedro Apostolo, existem vários documentos e relatórios confirmando a séria
desavença entre os dois homens. O pior, em verdade ainda estava por sur-
gir . . .

Queixou-se o Padre Gattone em officio dirigido ao Sr. Presidente
da Província, do Pastor Hesse que tinha celebrado casamento entre o colono
Peter Priester e Margarida Schuetz. Êle católico, ella protestante.

Respondendo ao officio, recebido pelo Presidente Pedro Leitão da
Cunha e remetido ao Diretor da Colônia, o Dr. Blumenau defende o seu
ponto de vista sôbre os casamentos mistos e a obrigação dos nubentos a
educarem os filhos na religião católica:

"Cumpre informar sobre a queixa do Vigario da Freguezia de São
Pedro Apostolo contra o Pastor evangelico d'esta colonia, o seguinte: O
facto he veridico e se deo não só d'esta mas por repetidas vezes,
quando o dito Vigario se recusou á benzer hum casamento mixto e os
noivos bastante prezavão sua dignidade como evangelicos, para não
quererem assignar hum termo degradante sobre a crença dos seus filhos
futuros . . .

"Primeiro tenho á observar que a queixa do Vigario Gattone con-
tem tanto de contradicção e absurdo, como falta á verdade. Clamando
que fosse offendida e desattendida a sua competencia, declara ao mes-
mo tempo ser incompetente que o noivo evangelico não tem obrigação
alguma de se sujeitar, que o noivo catholico unicamente tem de regu-
lar com sua propria consciencia. O Padre Gattone diz: «não podendo
eu casar á Peter Priester» — casou-se pelo Pastor Hesse; — ora se
aquelle pelas ordens dos seus superiores em materia da disciplina fica
impedido e se declara incompetente, recusando o casamento, com este
assim não acontece e conservando-se elle rigorosamente nos limites dos
§§ 3 e 4 do Art. I do Decreto sobre os casamentos N^o 1141 de 11 de
Setembro de 1861, o Padre Gattone tão pouco tem motivo para d'elle
se queixar, com as autoridades, para procederem contra o Pastor Hesse.
— O Padre Gattone porem deixa ainda de mencionar importantes cir-
cunstancias, e ali he que falta a á verdade:

“Segundo os citados §§ 3 e 4 o Pastor Hesse he competente de celebrar os casamentos mixtos, em que a noiva fôr de religião evangelica. Não he de sua obrigação, nem lhe he permitido, pedir promessa ou termo algum sobre a futura religião dos filhos de taes casamentos.

“Sendo a noiva porém catholica e ficando pois competente o parochio catholico, o Pastor Hesse sempre recusou-se a celebrar tal casamento e reenviou os noivos ao Vigario, para receberem o ultimo aviso d elle em presença de testemunhas, e levantar hum processo verbal, assignado pelas pessoas interessadas em taes occasiões o Padre Gattone infelizmente já esqueceo de todo a decencia, que deve ao seu venerando officio, deixando-se arrebatado para improprios indignos de hum homem de educação e mais ainda de hum sacerdote.

“Pelo decreto sobre os casamentos no Brazil e com o principio da tolerancia religiosa, consagrada na constituição do Imperio, que os Padres protestantes no Brazil são competentes para celebrarem e benzer os casamentos mixtos em todos os casos, em que:

1º a noiva fôr de religião evangelica. e

2º o competente parochio catholico se recusar á este acto por qualquer motivo que não se fundar nas leis do proprio Estado ou tornar dependente a sua celebração, como «conditio sine qua non» de precedentes promessas ou obrigações, á que o respectivo noivo ou os noivos se quizerem sujeitar.”

Não conhecemos o despacho dado a esta representação. Não devemos perder de vista que, embora vivendo num país que sempre defendeu a liberdade de crença como um direito constitucional, àquella época a confissão católica era official, a única reconhecida.

Apesar destes contratempos, o Dr. Blumenau, sempre nobre e justo, advogou perante o Presidente da Provincia o direito do Padre Gattone de receber os vencimentos pretendidos:

“Accusando recebido o officio de V. Excia que me pede informação sobre a pretensão do Vigario A. Gattone, com quem não tive occasião de conferenciar, senão ha poucos dias, tenho a honra de informar, que me parece equitativo, que lhe fique concedida a gratificação de 150\$000 por cada huma das viagens por elle feitas á colonia Brusque como sacerdote, visto que com ellas e os primeiros arranjos teve muito trabalho, demora e despeza. Quanto porém as futuras visitas, á que semestralmente se propõe, parece-me, que a gratificação de 120\$000 por cada huma he huma decente gratificação, visto que o mesmo Revdo. Vigario, como cura d'almas d'esta colonia Blumenau, percebe annualmente 360\$000 por huma cavalgadura, e que o Pastor evangelico Hesse pelas quatro visitas, que annualmente faz á colonia Brusque, não recebe mais de 90\$000 por cada huma.

“Mas V. Excia ha de resolver, o que fôr mais conveniente.

Deos Guarde á V. Excia. — Colonia Blumenau, 18 de Maio de 1863.
O Director Dr. H. Blumenau.”

A transcrição do documento acima, esclarece de uma vez, a questão ainda pouco conhecida sobre os vencimentos dos Padres católicos e Pastores protestantes na época da fundação da Colônia Itajaí (Brusque). Em 1863, na Colônia não havia ministro de um ou outro credo, mas o Padre Gat-

tone e Pastor Hesse a visitavam periódicamente e prestavam a respectiva assistência religiosa.

Sobre o pagamento aos dois sacerdotes e as "gratificações" concedidas por ocasião das suas visitas à Colônia Brusque, temos notícia através de um officio do então Diretor da Colônia Brusque, Barão de Schneeberg, endereçado ao Presidente da Província, em 2 de junho de 1864 e transcrito no livro "Brusque" de Prof. Dr. Oswaldo R. Cabral. Queixa-se Schneeberg que enquanto ao Padre Gattone se gratifica com 100 mil réis anuais, para visitar os católicos de Brusque, o Pastor Hesse percebia 360\$000; Em nada corresponde a verdade a afirmação do diretor Schneeberg, pois conforme o nosso officio acima transcrito, o Padre Gattone percebia para cada viagem à Brusque 150 mil réis e, mais tarde, 120\$000. Além desta gratificação o Padre Alberto Gattone recebeu da Colônia Blumenau a subvenção de 360 mil réis «para uma cavalgada», quer dizer, um cavalo a sua disposição permanente, enquanto o Pastor Hesse percebia a quantia de 90 mil réis para cada visita à Colônia Brusque.

Fazemos aqui ponto final na revelação de subsídios para a história do primeiro cura d'almas dos católicos blumenauenses. A situação desagradável entre dois homens, a quem Blumenau ficou tanto a dever, ficou resolvida em 1867, quando o Padre Alberto Gattone foi transferido de Gaspar para a Colônia Brusque como seu primeiro pároco residente. Novas rixas surgiam entre o Vigário e o diretor Barão de Schneeberg. Na sua obra "Brusque" o eminente historiador catarinense, Oswaldo R. Cabral relata os acontecimentos dramáticos e faz reviver, com extrema habilidade, episódios em que o Reverendo Padre Gattone foi envolvido. Desde 1867 o sacerdote católico não mais figurou entre os funcionários da Colônia Blumenau.

Exercia, então, as funções de vigário da Freguesia São Pedro Apostolo de Gaspar, o Padre Antonio Zielinsky. Naquele mesmo ano, os colonos católicos de Blumenau pediram, em memorial dirigido ao Presidente da Província, lhes desse um sacerdote residente. Foi incumbido o Dr. Blumenau com a escolha de um Padre católico na Alemanha. Em agosto de 1869 foi contratado o Padre Guilherme Mário Antônio Roemer, nascido em 13 de junho de 1837 na pequena aldeia de Ellwangen. Ordenou-se em Rottenburg no Estado livre de Wuerttemberg, na Alemanha. Chegou o Padre Roemer na Colônia Blumenau, a 11 de dezembro de 1869 após breve permanência no Rio de Janeiro.

Com a escolha do novo Vigário para a povoação, o Dr. Blumenau vagamente nutriu a esperança de aumentar o número de imigrantes para a sua Colônia, como prova uma mensagem ao Presidente Manoel do Nascimento Galvão, em dezembro do mesmo ano:

"Cumpre-me ajuntar mais huma observação em apoio d'esta minha intenção: procurei engajar, em cumprimento da ordem do Governo Imperial, o padre encomendado n'huma parte da Alemanha que, distinguindo se pela dignidade e instrucção do seu clero, até agora forneço poucos ou nenhuns emigrantes ao Brazil, mas grande numero dos mesmos aos Estados Unidos, julguei e acredito que, dando o respectivo padre informações favoraveis para sua antiga patria, pouco a pouco se ha de encaminhar da mesma para cá huma corrente de uteis emigrantes patricios. Parece-me que não fui infeliz na escolha, visto que o padre recém chegado, o Snr. Guilherme Roemer faz a impressão do homem de instrucção, de boa educação e de dignidade pessoal . . .

Encontrou o Dr. Blumenau, na sua qualidade de diretor da Colônia, já oito dias da vinda do novo Vigário, a mais tenaz resistência por parte do Padre Antônio Zielinsky, Vigário da Freguesia São Pedro Apostolo. O officio de 18 de dezembro de 1869, dirigido ao Presidente do Província, esclarece devidamente o assunto:

“Tendo a honra d'apresentar a V. Excia inclusa a copia do documento, que o padre Guilherme Roemer, engajado na Allemanha, para pastorear a população catholica d'esta Colonia, me apresentou, (trata-se de uma carta de recomendação, escrita em latim, pelo Dr. Antonius de Oehler, Vicarius capitularis et Eccl. cath. Rottenburgensis, Decanus.) cumpre-me respeitosaente sollicitar, V Excia queira dignar-se, de communicar-o, se necessario fôr, á competente autoridade ecclesiastica d'esta Província sobre os passos, que este tem de dar para com a mesma autoridade, visto que eu não lhe posso aconselhar á este respeito e elle deseja observar o que he de estylo e costume no Brazil.

“Parece-me além disto necessario, que a referida autoridade ecclesiastica dirija hum officio ao referido Padre Roemer, como tambem ao Padre Zielinsky, vigario da visinha freguezia de São Pedro Apostolo, com o fim, de determinar os limites ecclesiasticos do districto ou da freguezia, que á cada hum compete parochiar, e assim prevenir desagradaveis disputas entre ambos os padres.

“Permitto-me esta indicação em consequencia e por causa de huma carta, que o padre Zielensky dirigio ao padre Roemer, logo depois da chegada d'este, e em que — aliás confusa e apenas intelligivel — lhe intimou em termos pouco convenientes: — «suspensio ipso facto ab officio» (!) — que não dê a benção nupcial á pessoas, que *não lhe pertencem*: e ainda que o padre Zielinsky se pronunciasse no sentido, de que a povoação de Blumenau e ainda outra parte da colonia lhe «pertencia» e não ao padre Roemer. Parece-me, que sendo por lei determinado os limites da freguezia de São Pedro Apostolo, bem como os do districto de paz da colonia Blumenau, estes limites deverião tambem servir para a parochia de cada hum dos dous padres.

“O padre Roemer foi engajado para a «Colonia Blumenau» e a povoação e a matriz da freguezia de São Pedro se achão ainda no territorio proprio d'esta colonia, o mesmo padre podia parochiar tambem esta freguezia. Mas attento o vasto territorio da Colonia e as grandes distancias á percorrer, entendo, que este alvitre não será conveniente, enquanto se achar hum padre proprio para a referida freguezia de São Pedro Apostolo.

“V. Excia ha de combinar com a competente autoridade ecclesiastica da província e resolver o que mais acertado fôr.”

O despacho dado a esta apresentação, resolveu o assunto de uma vez. O Arcipreste da Província, Sebastião Antônio Martins, informou a presidência, com data de 28 de dezembro, que de acôrdo com instruções recebidas do Rev. Governador do Bispado, da Côte, o Padre Roemer recebeu procuração como pároco da Colônia Blumenau e acreditado como sacerdote. E continua: “o Pe. Zielinsky he Parocho da Freguezia São Pedro Apostolo. Portanto a jurisdicção dos dois Revdos. está extremada. Parece-me comtudo muito conveniente, que o Pe. Guilherme Roemer se incumba de parochiar tambem a Freguezia de São Pedro Apostolo, logo que o Illmo. Rev. Vig.

Governador do Bispado se digne passar-lhe procuração para isso, faculdade esta, que não está na Orbita de minhas attribuições”.

Permaneceu o Padre Roemer no Pôsto de vigário da paróquia, com sede ainda em Gaspar, substituindo o Pe. Zielinsky. Na povoação de Blumenau já em setembro de 1868, haviam sido colocados solenemente as pedras fundamentais da Igreja católica e da casa de oração protestante (Templo evangelico) Em 16 de abril de 1870 o Dr. Blumenau dirigiu o seguinte officio ao então Presidente da Província, Sr. André Cordeiro de Araujo Lima :

“Tendo o padre Roemer, vigario d'esta colonia, representado, que o miseravel estado da Capella provisoria da povoação d'esta colonia permite apenas continuar na mesma com a celebração do culto divino, visto que a chuva penetra pela cumieira de folhas de palmeira e o vento apaga as velas etc., tendo eu me convencido d'este triste estado e da urgente necessidade de reparos, venho respeitosaente pedir V. Excia queira autorizar-me para sem demora proceder á estes reparos”

O orçamento incluso estipula a importância de 263\$480 para a reforma da capela, inclusive 2000 telhas, 113 metros de madeira, 3 janelas, mais diversos materiais e mão de obra.

Em 1873, pela lei provincial nr 694, Blumenau foi elevado a paróquia, desmembrando-a da de Gaspar, sob o nome «São Paulo Apóstolo». Em 1873, todavia, o Padre Guilherme Roemer já não pastoreava mais a Colônia Blumenau. Permaneceu somente até 1872, deixando a Colônia sem cura d'almas. Alguns historiadores acreditam que seja o ano de 1874 em que o Padre Roemer solicitou exoneração do seu cargo. Porém a transcrição de um officio datado de 1º de Outubro de 1873 e dirigido pelo director Dr. Blumenau ao Governô Provincial, prova a nossa versão da data :

“Por differentes vezes me animei, respeitosaente solicitar á essa Presidencia providencias, para que á população catholica d'esta colonia não continue faltando de todo o pasto espirital e sobretudo, que ella possa celebrar seus matrimonios e baptisar seus filhos. Infelizmente porém, até agora não se apresentou aqui padre algum e assim os inconvenientes de tal situação estão sempre mais agravando-se para a referida população.

“Ultimamente um par de noivos catholicos, d'esta colonia, foi para a de Itajahy (Brusque) e ali pedio ao padre Gattone (!) cura d'aquella colonia, que os casasse; mas elle se recusou, allegando que não era da sua competencia ou não lhe era permittido pelo ordinario, e assim, no seu desespero, o noivo me pedio á mim, como director da colonia, que eu o unisse á sua noiva por contrato civil, para libertal-os da macula, de viverem em vergonhoso concubinato!!! — (sublinhado e com três exclamações, no original)

“Não carecendo eu expôr mais uma vez, como já o tenho feito, o quanto tal estado de cousas enfraquece os sentimentos religiosos e a moralidade publica e particular, e quanto

prejudica os habitantes catholicos d'esta colonia, ouso hoje sómente solicitar, que, se acaso não existir outro expediente, Padre Gattone, cura da Colônia Itajahy e Principe D. Pedro, fique autorizado e incumbido, para administrar aos mesmos habitantes. que se lhe apresentarem, os sacramentos da sua religião pelo tempo, em que esta colonia não fôr parochiada por um seu proprio cura."

"Deos Guarde á V. Excia, Illmo e Exmo Snr Dr. Pedro Affonso Ferreira. Presidente da Província. ass. Dr. H. Blumenau."

Quando de passagem por Blumenau, o padre jesuita italiano, Pe. João Maria Cibeo, pastoreava os católicos, administrando os sacramentos e pregando. Em 1874, o vigário de Joinville, Padre Carlos Boegershausen, por diversas vêses visitou Blumenau, assumindo o cargo de Cura interino com gratificação paga pela direção da colônia.

Pe. Carl Boegershausen nasceu a 16 de agôsto de 1833 em Duderstadt, na Alemanha. Ordenou-se em Hildesheim e foi contratado pela Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo. Veio ao Brasil a bordo do veleiro «Lucie-Caroline» em 9 de novembro de 1857, acompanhado do seu irmão Franz Boegershausen. Unico vigário católico da paróquia de Joinville e durante 49 anos, repartiu a sua atividade entre os deveres sacerdotais e os de professor da Colônia Dona Francisca.

Em 1875 o assunto e problema religioso chegou ao ponto crítico com a chegada de grandes levas de imigrantes tirolezes e italianos católicos. Em 10 de fevereiro de 1875 o diretor Dr. Blumenau dirigiu um apêlo urgente ao Presidente da Província, solicitando providências:

"Tenho a honra d'accusar recebido o Aviso do Ministro da Agricultura que se referia ao pessoal conveniente para os cargos de Capellães e Pastores, que ministrem aos habitantes d'esta colonia, cumpre me respeitosamente informar, que, tendo a mesma desde perto de tres annos (sic) se achado sem Cura ou Capellão e sido infelizmente frustados os repetidos esforços, feitos na Allemanha para commover um sacerdote *digno* (sublinhado, no original) para aceitar tal cargo, o Padre Boegershausen, Vigario de Joinville e Cura interino d'esta colonia, recentemente me participou ter tido sobre este assumpto correspondencia com a Agencia official de Colonização na Côrte. Solicitou, segundo me disse, para o novo Cura: passagem gratuita para elle e um criado até

esta colonia, 800\$000 de gratificação e 360\$000 de cavalgada annuaes e a moradia gratuita — emfim as mesmas vantagens, que desfrutou o Cura anterior — e que o nosso Consul em Hamburgo pelo Governo Imperial ficasse autorizado, para celebrar o respectivo contracto; mas não me sabia indicar, em que ponto actualmente se achava este negocio.

“E como eu tambem não o sei, resta-me somente exprimir o desejo de que o novo Cura, a engajar e esperar-se, venha em breve, mas não pertença a classe dos ultramontanos fanaticos, a qual infelizmente e sobretudo na mocidade e nova geração ecclesiastica conta numerosissimos sectários, porque tal fanatico haveria de constituir um verdadeiro infortunio e flagello não só para esta colonia, como para todo o territorio de Itajahy!

“Quanto a um Pastor evangelico, esta colonia possui o seu, mas era conveniente por (motivo) da nova e vigorosa immigração, seja installado mais um no Itajahy superior, attendendo ao grande numero de evangelicos, que a colonia já n'este momento conta com 6189 almas.

“Deos Guarde à V. Excia ”

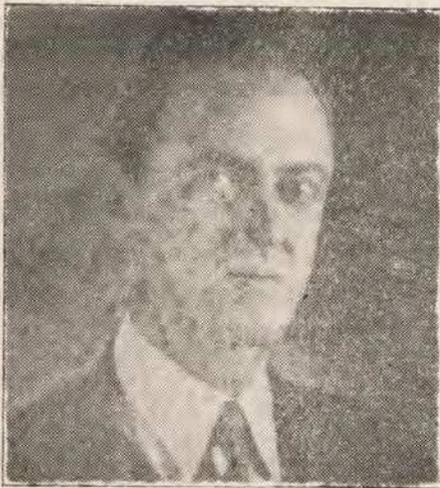
Não recebeu resposta o officio acima citado. Houve, sem dúvida alguma, uma indiferença, por parte dos poderes públicos. Eram difficuldades às quais se procurava dar remédio, mas nem sempre com a brevidade desejada. Ainda em outubro de 1875 a coisa estava no mesmo ponto e a directoria da colônia foi autorizada a pagar uma gratificação ao Rev. Padre Carlos Boegershausen na importancia de 200\$000 e mais 360 mil réis pela «cavalgada».

Sòmente em setembro de 1876 estabeleceu-se na colônia Blumenau o Padre José Maria Jacobs, engajado pelo Governo Imperial. Com a chegada desse sacerdote, finalizamos o capítulo sobre a vida religiosa na povoação de Blumenau, antes da criação da sua paróquia. Se narrarmos os episódios e fatos, que pudemos colher, não queremos ir além de uma simples contribuição documentada sobre uma dos assuntos mais interessantes da História de Blumenau.

UMA GRANDE PERDA

Com a morte de Carlos da Costa Pereira, ocorrida em São Francisco do Sul, em março dêste ano, Santa Catarina perde um dos seus mais cultos e ilustres filhos. Desaparece aos 76 anos de idade, depois de uma existência dedicada, tôda ela, ao trabalho e ao estudo.

Não tendo frequentado mais que a escola primária de sua cidade natal, onde veio à luz em 23 de novembro de 1890, Costa Pereira tornou-se, entretanto, pelo próprio esforço, pela sua extraordinária dedicação e persistência, um dos maiores conhecedores da história catarinense e um dos mais eruditos manejadores do idioma pátrio. Era tão escrupuloso nas suas afirmações sôbre dados históricos quão meticuloso no escrever. Seus trabalhos não são apenas honestos, seguros. São verdadeiros modelos de estilo e de correção literária também.



Orientada a sua formação intelectual por um notável professor de primeiras letras, Joaquim Antônio de S. Thiago, que deixou tradição de grande mestre, enérgico e culto, passou Carlos Pereira a trabalhar como escrevente de cartório, daí entrando para o corpo de funcionários do Tesouro do Estado, como escriturário. Sua carreira, nessa repartição pública, foi rápida, chegando a exercer o cargo de administrador da antiga Mesa de Rendas Estaduais da cidade em que nasceu e que agora lhe guarda os despojos. Abandonou, em seguida, e Tesouro do Estado para ocupar o cargo de 1º Tabelião de Notas.

Nereu Ramos, então interventor federal no Estado, a quem não passavam despercebidos os dotes interletuais e morais dos conterrâneos que se salientavam na vida pública ou nas ocupações particulares, levou Costa Pereira para a direção da Biblioteca Pública Estadual. Nenhum emprêgo poderia ter sido mais do agrado do distinto francisquense. Já então Costa Pereira se tornara um pesquisador minucioso, honesto, e publicara vários

trabalhos em jornais e revistas, sendo sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Sociedade Brasileira de Geografia, do Instituto Histórico de Minas Gerais, da Associação Catarinense de Imprensa.

Com Deodoro de Carvalho, outro profundo conhecedor da história catarinense, Costa Pereira dirigiu os semanários "O Alfa" e "A Razão", nos quais ao par do pitoresco noticiário de um jornal de cidade pequena, publicou substanciosos artigos versando assuntos históricos de grande importância.

Na direção da Biblioteca Pública, Costa Pereira foi de rara eficiência. Não se limitou a administrá-la com acerto. Aproveitou-a ao máximo para a própria ilustração.

Desde moço, Costa Pereira dera início às suas atividades literárias. Publicou, entre outros esparsos em jornais e revistas do Estado e do país, "Um capítulo da Expansão Bandeirante", relacionado com a fundação de São Francisco do Sul, "Nascimento do Frei Fernando de Trejo e Sanábria em São Francisco", "Toponímia antiga da Costa do Brasil"; "A Região das Arucárias"; «Acêrca da Invasão espanhola»; «A Província de Santa Catarina e a Colonização do Brasil» (tradução da obra de Leonce Aubé). Traduziu parte da obra de Auguste de Saint-Hilaire, relativa à passagem do grande naturalista francês pela nossa província, tradução que foi publicada na «Coleção Brasileira», sob o título «Viagem à Província de Santa Catarina (1820)». Essa tradução, segundo a opinião de mestres, foi das mais perfeitas que foram feitas da obra do sábio francês. As anotações com que o tradutor ainda enriqueceu o trabalho acrescentaram-lhe maior valia, atestando os grandes conhecimentos que Costa Pereira conseguira reunir a respeito da história da sua cidade e do seu Estado.

"Blumenau em Cadernos", perdeu, com Costa Pereira, um dos seus mais cultos e sinceros colaboradores. Foi, para o seu diretor, um conselheiro e um amigo sincero e prestimoso.

Publicando as palavras que o Professor Oswaldo R. Cabral, outro companheiro e amigo do extinto, pronunciou à beira do seu túmulo, fazemos nossos os conceitos com que o ilustre historiador catarinense enalteceu o trabalho e a vida de C. Pereira:

«Carlos, em nome do Instituto Histórico de S. Catarina, que tanto deve à tua operosidade, em nome dos velhos amigos que ainda restam daqueles saudosos tempos, venho trazer-te o nosso adeus, juntar às lágrimas da Natureza que copiosamente descem a esta tua terra que tanto amaste, as nossas, as dos teus amigos.

Poucas serão as minhas palavras. Recordo aqui que fôste

um exemplar chefe de família, um pai carinhoso, um amigo leal, um cidadão útil, probo, de uma honestidade sem limitações. Dentro de tua modéstia, do silêncio da tua vida, construístes, pelo teu estudo, uma obra imperecível.

Não acredito que tudo isto termine aqui, que tudo isto acabe à beira de teu túmulo.

A vida não teria sentido, se tudo acabasse agora, se todos estes laços se rompessem para sempre. Creio que algum dia todos nós nos havemos ainda de encontrar.

Bom amigo — hoje te apresentas diante do Criador. Fôstes um justo e, sem alarde, cumpriste consciêntemente todos os Seus mandamentos.

Por isso eu creio que podes dirigir-lhe a tua prece:

— “Pai! Deixa que eu contemple, agora, a Tua face!”

Carlos, velho companheiro, adeus!»

Os de “Blumenau em Cadernos” também repetem: «A-deus, dedicado colaborador e sempre lembrado amigo: Sôbre o teu túmulo, as nossas lágrimas e a nossa saudade.»

O primeiro filme cinematográfico em Blumenau

Gertrudes GROSS-HERING

Foi nos primeiros anos dêste século que se passou o primeiro filme cinematográfico em Blumenau.

Dois empresários convidaram a população para assistir à função, colocando pequenos cartazes nas casas de negócios e em outros locais públicos.

Como naquele tempo as diversões públicas eram raras em Blumenau, todo mundo ficou alvoroçado com a novidade.

Infelizmente, fôra publicada, pouco antes, nos jornais, que um cinema de Pais havia pegado fogo, em virtude de um curto circuito durante uma função, tendo morrido várias pessoas. Até a então muito conhecida Duquesa de Alençon havia também perecido nesse desastre.

Os que haviam lido a notícia daquelas trágicas cenas, aqui muito divulgadas, ficaram temerosos de que o mesmo acontecesse em Blumenau e, por isso aconselhavam a que os demais ficassem de sobreaviso.

A novidade, entretanto, foi mais forte que a prudência e, na noite determinada o salão do velho Teatro “Frohsinn”, na alameda das Palmeiras, estava entupida de espectadores.

Estes acompanhavam as projeções, feitas numa tela levantada acima do local da orquestra, com grande interesse e admiração.

Sem qualquer interrupção, o filme começou a se desenrolar por vários minutos seguidos quando, de repente, dá-se um estalo e explode uma centelha na tribuna da orquestra, abrindo um clarão na escuridão da sala.

Foi um deus-nos-acuda. Tumulto, gritos. Todo mundo corria para fóra aos gritos de fogo!

Alvin Schrader, o Superintendente, clamava por calma, mas ninguém atendia. Ainda me lembro bem que eu saltei para cima de um banco para não ser pisoteada. Um homem pulou pela janela, arrastando consigo os caixilhos com os vidros e tudo. Ele escapou, assim como todos nós, sem mais nada de mal que o grande susto.

O estalo e a centelha nada mais haviam sido que coisa insignificante, natural em aparelhos daquela época.

Mas, lembrando-se do que haviam lido sôbre o incêndio em Paris, os espectadores não quiseram saber mais nada com o cinema e a sessão se acabou.

A USINA DE SALTO WEISSBACH

UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

Eng. Henrique HACKER

Por mais de uma vez, «Blumenau em Cadernos tem se referido á Usina Elétrica de Salto Weissbach, ora explorada pela CELESC, tratando ora da sua história, ora das estatísticas com ela relacionadas.

Foi-me perguntado, pelos diretores desta publicação, se o Coronel Cristiano Feddersen, ou a firma Salinger, teve alguma influência na realização dessa Usina. A êsse respeito, posso falar com autoridade. A história é, mais ou menos, a seguinte:

Já se disse, nestas páginas, («Blumenau em Cadernos», n.º 8 do Tomo III, de agosto de 1960, pag. 163) que o sr. Pedro Cristiano Feddersen colaborou na importante realização, somente moral e espiritualmente.

O sr. Felix Hering que foi um dos principais diretores da Companhia Hering, depois de ter terminado os seus estudos técnicos numa escola especializada em assuntos fabris e têxteis, na Alemanha, entrou, em 1913, como funcionário técnico-especializado na firma Bromberg, Hacker & Cia., de São Paulo.

As agências dessa firma, em diversas partes do país, já haviam instalado mais de cem usinas elétricas em várias localidades brasileiras.

Naturalmente, o sr. Hering, como filho de Blumenau, chamou a atenção de meu irmão Hans Hacker sôbre as possibilidades e vantagens de se aproveitar o grande salto do Itajaí-Açu, em Weissbach.

Meu irmão veio a Blumenau e aí estudou demoradamente o assunto, chegando à conclusão da perfeita viabilidade da construção de um conjunto gerador de eletricidade.

Auxiliado também pelo sr. Feddersen, entrou êle em contacto com elementos das finanças e com industriais locais. Êsses entendimentos, porém, não deram nenhum resultado prático.

Assim, e em razão de já ter o meu irmão, juntamente comigo, assentado estabelecer em Blumenau uma firma importadora de aparelhos elétricos e máquinas, resolvemos construir a

usina por nossa conta e sob nossa responsabilidade e, dessa forma, prepararmos terreno para fornecer, mais tarde, as indústrias locais, motores e máquinas, de que necessitávamos, além da energia elétrica.

A Casa Bromberg & Cia., de Hamburgo, forneceria o necessário equipamento para a concretização da idéia.

Projetávamos, igualmente, fundar e estimular a fundação de novas indústrias e aumentar as existentes, às quais nos associaríamos com o valor dos respectivos fornecimentos de material.

Aconteceu que, em julho de 1914, estalou a grande guerra mundial. Felizmente, parte das máquinas já havia chegado e pôde ser montada.

Devido, entretanto, a um acidente fatal, Hans Hacker morreu. E eu, devido à guerra, fiquei com os meus negócios e atividades paralizados.

Naquele tempo, eu era diretor técnico da casa matriz de Bromberg & Cia. em Pôrto Alegre. Eu não podia acostumar-me a uma vida de inatividade.

Resolvi, então, meter-me em negócios de colonização de terras no Estado de Santa Catarina.

Devido às minhas atividades nesse setor, surgiram Luzerna, Joaçaba, Capinzal, São Pedro, Francônia, ainda no tempo dos «fanáticos» e das lutas no Contestado.

A experiência animou-me, depois, a tentar, também, a colonização das terras do Norte do Paraná que, naquele tempo, eram ainda sertão bruto, com matas abundantes e impenetráveis, habitadas apenas pelos índios.

O presidente do Estado do Paraná, Dr. Atonso Alves de Camargo, fechou comigo um contrato de concessão de 5.000 quilômetros quadrados de terras das mais próprias para o povoamento e colonização.

Infelizmente, pela minha condição de alemão, o contrato foi depois anulado, com grandes prejuízos meus, e os terrenos confiados aos ingleses que os colonizaram, aliás muito eficientemente. Foi daí que surgiram Londrina, Apucarana, Maringá e as demais cidades de espantoso progresso na zona do café.

Firmas de Santa Catarina, como Carlos Hoepcke & Cia., Salinger, e outras, faziam suas compras diretamente da Europa, por intermédio da firma Bromberg, em Hamburgo. Esta, entre-

tanto não aprovava que São Paulo, ou Pôrto Alegre fizesse concorrência a clientes de Hamburgo. Daí a projetada fundação da nossa firma em Blumenau, que provavelmente teria a razão social de «Irmãos Hacker».

Interrompidos os meus negócios de colonização e outras atividades igualmente paralizadas, como as plantações de arroz, em grande escala, a que eu me havia aventurado, também os projetos de organizar a nossa firma e fundar novas industrias foram por águas abaixo.

As máquinas que havíamos importado deveriam ser pagas; os credores, igualmente, teriam que ser satisfeitos. As firmas de Blumenau em nada nos ajudaram de sorte que tivemos de convidar amigos de São Paulo que, sob a orientação do Dr. Altino Arantes, para assumirem o acervo. Como resultado das negociações, a firma Bromberg recebeu uma hipoteca sobre terras adjacentes ao Salto e á Usina, para garantir o empréstimo.

Muito mais tarde e em razão do grupo paulista não se interessar muito para melhorar e aumentar as instalações do Salto, firmas de Blumenau adquiriram a Usina, pagando o grupo paulista, sendo, nessa ocasião, fundada, pelos industriais de Blumenau, a Empresa Força e Luz de Blumenau S/A., da qual participaram, também, industriais de Brusque.

Quando, em 1946, eu me mudei de São Paulo para Blumenau, recebi cartão do ilustre estadista Nereu Ramos em que êle, fazendo-me justiça, congratula-se comigo pelo meu retôrno à terra, à qual o meu irmão, pelo seu esforço e atividade, havia dado grande impulso progressista, construindo uma usina que viria proporcionar a todo o Estado extraordinário desenvolvimento.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 2,000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

HOMENAGEANDO BLUMENAU

Por ocasião da visita a Blumenau, em setembro de 1966 do Centro de Tradições Gaúchas «Rincão da Lealdade», de Caxias do Sul, RS., o Dr. Clovis P. Pinheiro, dedicou a Blumenau umas poesias que transcrevemos para que, perpetuadas nestas páginas, expressem a cordialidade e simpatia que unem o povo da terra do vinho ao da nossa Blumenau:

Somos gaúchos da Serra,
Lá do Rio Grande do Sul,
Tendo o mesmo tétó azul
Que esta Santa Catarina,
O mesmo amor que lhe ensina
Elevar nosso Brasil.
O mesmo ardor varonil
Pelo pago e pela china!

Filhos da mesma fazenda,
Mas posteiros doutro Estado,
Fiéis irmãos devotados
Ao mesmo pae e patrão
Na estância do coração:
Cultuam o mesmo ideal
Montam no mesmo bagual,
Tem passado e tradição!

Dois municípios se encontram,
Neste país sem fronteira
A mesma gente altaneira
Mesma vontade de erguer
Mesma força pra tecer
Um Brasil pelo trabalho,
Fiando e batendo malho
No desejo de vencer!

Um deitado sôbre o vale
Outro erguido sôbre a serra,
São filhos da mesma terra
Orgulhos de uma nação,
Tiveram na imigração
O mesmo ardor onde irmana
De um lado a gente italiana
Do outro o povo alemão!

Caxias e Blumenau
Na mesma armada de laço
Se estreitam num grande abraço
De simpática amizade;
Na mesma fraternidade
Se estreitam guascas sem luxo
O vosso Centro Gaúcho
E o "Rincão da Lealdade".

CANÇÃO A BLUMENAU

I

Blumenau terra linda, cidade jardim
És a flôr dêste vale de encantos mil
Tua terra é progresso é trabalho sem fim
Blumenau és o orgulho do nosso Brasil.

II

Blumenau centenária, cidade altaneira
Espelhada no rio sob o teu céu azul
Blumenau dêste estado tu és a pioneira
Te trazemos o abraço dos pagos do Sul.



ELETRO-AÇO ALTONA^S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Telefone, 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: «ELAÇO»

ITOUPAVA — SÊCA

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Fundição de Aço — Laminação de Ferra e Aço

Fábrica de Máquinas — Fábrica de Ferramentas

Forjaria — Fundição Elétrica.

Emprêsa Industrial Garcia S/A

BLUMENAU — Santa Catarina

ESCRITÓRIO E FÁBRICA: RUA AMAZONAS, 4906

GARCIA

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» — Caixa Postal N° 22

Fiação e Tercelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MÊSA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS - CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS